

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO

III SEMINÁRIO DE PESQUISA DA FESPSP

O LUGAR DA MULHER NA MEMÓRIA E NA IGREJA CATÓLICA

Pesquisador: Giji Pichappillil Mathew¹

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Hojaj Gouveia

E. Mail: ehgouveia@pucsp.br

RESUMO

Este artigo visa tratar sobre o lugar da mulher na memória e na Igreja católica, para compreender às mudanças e continuidades na percepção do gênero, geração na sociedade e na religião católica. Os resultados permitem levantar os dados e discutir a problemática do gênero. Nos últimos séculos, as mulheres no mundo e no Brasil vêm conquistando seu espaço em diferentes áreas, tais como, o da economia, da política e do social, porém, esta conquista está longe de ser uma realidade dentro da religião católica onde são os homens que ainda dominam nesse campo. Nesse aspecto, Pierre Bourdieu diz que a presença masculina já justifica sua dominação. "... a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ele dispensa justificção, através da distribuição bastante estrita das atividades a cada um dos sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos". Marilena Chauí trata os velhos como: "a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara". A partir desta reflexão, a pesquisa pretende, por meio de histórias de vidas, encontrar os lugares que as mulheres ocuparam e ocupam na religião católica, utilizando-me do estudo da memória pelas técnicas qualitativas. Nas histórias de vida, pesquiso aquilo que os narradores ouviram, viveram e testemunharam na sua formação e vivência religiosa na igreja católica, no século XX. A partir daí confronto estas experiências religiosas narradas e vividas destas pessoas com os documentos da igreja sobre o papel da mulher na igreja. Segundo Michael Pollak, a história de vida apareceu como um instrumento privilegiado para avaliar os momentos de mudança, os momentos de

¹ Formado em Teologia e Filosofia e mestrando em Ciências Sociais pela PUCSP – e-mail didimateus@yahoo.com.br

transformação. Assim, tentando descobrir quais são as mudanças e continuidades que esses homens e mulheres viram, sentiram, ouviram e vivenciaram em suas vidas na Igreja católica.

Palavras – chave: religião católica, gênero, geração, mudanças e continuidades.

Introdução

Uma crônica publicada no Jornal Folha de São Paulo, no dia 23 de Setembro 2014, escrita pela Antropóloga Mirian Goldenberg com o título: “não sou feliz, mas tenho marido” (2014), chamou a minha atenção. Segundo a antropóloga, muitas brasileiras afirmam que sofrem preconceito por não serem casadas e sentem-se desvalorizadas. Partindo desta constatação, o presente texto busca compreender esse tipo de comportamentos na sociedade brasileira, a partir da memória dos idosos, advindo da bibliografia de Ecléia Bosi, intitulada “Memória e Sociedade: Memória dos velhos (2012)”, onde a autora recupera a memória social através da memória das pessoas idosas. A mesma questão também é examinada pela filósofa Marilena Chauí (2012) que se refere aos velhos, dizendo: “os velhos são a fonte de onde jorra essência da cultura, ponto onde o passado se conserva e o presente se prepara”. A mesma autora apresenta caminhos fundamentais a serem tratados na presente reflexão.

Partindo dessas constatações, o texto traz uma reflexão acerca dos lugares das mulheres na Igreja Católica, pela memória de um grupo de homens e mulheres acima de 70 anos de idade. A pesquisa busca entender quais foram as formações que elas receberam da Igreja e da família e o que elas viram, ouviram e viveram, a fim de compreender melhor a sociedade à qual elas pertenceram. Segundo a socióloga Paula Monteiro, as religiões têm um papel fundamental na formatação dos comportamentos dos indivíduos na sociedade. Segundo suas palavras: “As religiões são parte integrante de nossa formação social e pouco se pode dizer sobre funcionamento social e político de nossas instituições sem compreendermos as práticas e a percepção de mundo que estão na base da experiência social da população” (MONTERO, 1999). Ainda o que as moldou e, ao mesmo tempo, como retroalimentaram a moldagem desta sociedade. Essas marcas de moldagem dos comportamentos individuais e coletivas são registradas nas memórias das pessoas idosas que participaram e participam nos ritos da Igreja católica.

Ao falar da memória, Pollak ressalta a importância de tais memórias no contexto social, dizendo:

Podemos dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também, um fator extremamente importante dos sentimentos de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção em si. (POLLAK, 1992)

Já Halbwachs (2003) também diz que a consciência jamais está encerrada em si mesma, não é vazia e nem solitária. A realidade social que vivenciamos é uma continuidade da sociedade em que os velhos construíram suas vidas, pelas próprias e das memórias dos outros. Sendo assim, dizemos que a realidade social é uma construção constante a que Berger (1985), também afirma: “toda sociedade humana é um empreendimento de construção do mundo”. Portanto, é esta construção da memória dos velhos que nos ajuda a enxergar e compreender os fatos sociais. Não obstante, na construção da sociedade ou do mundo apontado por Berger (1985). Construímos o que Stuart Hall chama de identidades ao dizer que: “as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações, que a representação é sempre construída ao longo de uma “falta”, ao longo de uma divisão” (HALL, 2014).

A religião e a construção do mundo

Nesse processo de formação das identidades de indivíduos e dos grupos, a religião tem um papel importante como afirma Berger: “a religião ocupa um lugar destacado nesse empreendimento, que é de construção do mundo” (BERGER, 1985). O autor pontua ainda que a sociedade é constituída e mantida por seres humanos em ação, onde os velhos guardam a história desta ação humana, que muitas vezes são esquecidas pelos mais jovens, mas são guardados com muitos sentimentos: o do orgulho, da vergonha e da indiferença, são pedaços desta construção social em suas memórias. Quando estes segmentos se juntam, conseguem construir uma memória social ou uma memória coletiva que é necessariamente uma história social.

Rosado Nunes (2009), afirma que, para as ciências sociais, as religiões são socialmente construídas. A autora destaca que, pelas práticas religiosas, as representações simbólicas do sagrado são reveladores de relações sociais ao dizer:

As práticas religiosas, certas expressões da fé, as representações simbólicas e os discursos são reveladores de relações sociais. Compreender as religiões como espaços complexos e portadores de contradições, de produção, reprodução e transformação das relações sociais, em todos os domínios, do culto, dos símbolos e do saber, e não apenas o da organização religiosa é um desafio teórico (ROSADO NUNES, 2009).

À luz destas reflexões, narro um fato que presenciei há 23 anos atrás que pode ilustrar a discussão apresentada por Rosado Nunes. Estava participando de uma missa em

uma igreja no interior do estado de Pará. À minha frente estava sentada uma mãe com a sua filha de 7 a 8 anos de idade. Na missa tinha coroinhas² para auxiliar o sacerdote, vestidos de paramentos bonitos. A menina manifestou-se à mãe dizendo que ela também gostaria servir ao altar, vestida como aqueles meninos e a mãe sempre respondia: “*you não pode*”. Quando a mãe perdeu a paciência, ela disse à filha com uma voz de repreensão: “*you não pode garota, Deus não vai gostar, you não é garoto*”. A partir daquele momento, a garota ficou calada e cabisbaixa. Este fato marcou muito a minha vida por ter percebido na época, a exclusão das mulheres no processo ritual católico. Para tanto, neste trabalho busco compreender como este espaço demarcado na família e na religião tem influenciado na formação dos papéis sociais dentro da Igreja Católica.

Para compreender os indivíduos e seus papéis dentro da Igreja Católica, é necessário buscarmos entender os conceitos da religião que Geertz define:

Uma religião é um sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, permanentes e duradouras disposições e motivações no homens através da formulação de conceitos de uma ordem de experiência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989)

Essas disposições e motivações são ensinadas e apreendidas dentro de um grupo que tem a mesma crença. Este sistema de símbolos exercem um poder de organização sobre os grupos e os indivíduos. Os indivíduos para serem identificados como pertencentes a tais grupos aceitam os papéis e seus lugares sem questionar, pois, questionar poderia ser tomado como ato de rebeldia contra o grupo e as suas crenças. Um dos padrões culturais responsáveis pelas regras organizadoras dos grupos religiosos liga-se às relações entre gênero e religião.

As categorias de gênero, mulher e homem são fruto de uma construção histórica, cultural, religiosa, social e política dentre outras, onde em grande parte das sociedades apresentam fortes traços de dominação masculina sobre a mulher. Teóricos como BOURDIEU (2012), SAFFIOTI (2013), FIORENZA (1995), ROSADO NUNES (2009), LOURO GUACIRA (1997), GEBARA (2000) e BOFF (2007), também compartilham destas reflexões. Sendo assim, o trabalho visa defender as diferenças sociais entre os gêneros que estão construídas e são elaboradas socialmente a partir das diferenças biológicas.

Além disso ao recuperar os estudos a priori sobre as histórias das mulheres do bairro Parque São Rafael, percebemos que a emergência das mulheres no espaço público é sempre um tema fascinante quando se trata de entender as muitas mudanças nas formas

² Meninos escolhidos pelo sacerdote para auxilia-o nos ritos religiosos

de sociabilidade, nas práticas e nas mentalidades ocorridas nessas últimas décadas da história brasileira, como conta o livro intitulado de “*Nova História das Mulheres no Brasil*” (2012), de Pinsky e Joana Maria, que apontam as mudanças que aconteceram na vida das mulheres na sociedade brasileira nos últimos tempos.

Hoje, as imagens das mulheres como seres frágeis ou dominadas pelos homens mudaram nos movimentos, na administração pública, na Igreja católica e se tornaram internalizadas. As mulheres na sociedade e na Igreja católica mudaram nas últimas décadas, mas nem sempre se percebeu a profundidade dessas transformações e continuidades. Tais transformações necessariamente levam à pergunta sobre a situação dos homens em tais contextos sociais. Pode-se afirmar que são os indivíduos que fazem mudar a sociedade e a sociedade muda os indivíduos. Portanto, as histórias de vida são retratos destas mudanças e continuidades que ocorreram e ocorrem na sociedade e em especial neste trabalho, na Igreja católica. No entanto, vale lembrar que, no Brasil, a cultura católica ainda nos dias de hoje é predominante. O antropólogo Brandão (1985) lembra que “mais do que politicamente dominante em seu campo de relações de poder, o catolicismo foi e ainda é, no país, a religião de todos”.

Para perceber no momento atual como estão tais transformações na relações de gênero do interior da organização social católica, voltei-me para estudo de mulheres e homens com setenta anos ou mais, católicos praticantes e residentes no parque são Rafael, zonal leste de São Paulo. Esse bairro se situa na divisa do município de Santo André e município de Mauá, ao lado do polo industrial petroquímico. Segundo a informação dada pela subprefeitura, o bairro de Parque São Rafael tem uma população de 63 mil habitantes.

Os fatos e acontecimentos narrados nesta pesquisa são décadas de 40 e 50, recordados pelos participantes, de baixa escolaridade e, que na grande maioria, vieram de interior do estado de São Paulo e dos outros estados buscando uma vida melhor na cidade de São Paulo.

Nessa mesma época, mudanças ocorriam dentro da Igreja Católica no Brasil e na sociedade brasileira como um todo, como as apontadas pelo sociólogo Wanderley (2007), uma espécie de populismo eclesiástico, uma atuação do laicato no mundo em nome da Igreja, deixando em evidência a participação das mulheres nos movimentos sociais. Nesse período, também, as feministas no Brasil e no mundo lutavam por mais direitos políticos e sociais. Dentre as lutas, a mais marcante foi o lançamento da pílula anticoncepcional (DINIZ,2012). O curioso é perceber que mesmo diante de todas essas mudanças, as narrativas demonstram que os depoentes não conheciam tais avanços na sociedade e na Igreja.

Brandão (1985) lembra que, “na cultura católica, descreve-se o modo como um tal monopólio de crença e culto se espalha em diferentes situações da vida cotidiana e do imaginário religioso. Da mesma forma Berger (1985) destaca a importância da religião na construção do mundo que nos leva a perceber na coleta dos dados desta pesquisa que o mundo de comportamentos e símbolos narrados pelos interlocutores, também foram construídos ao longo da vida e pela formação católica dos narradores.

“Para mim, homem é Deus! E, aqui na terra, é o meu marido”.

A compreensão das características organizacionais da Igreja Católica e sua inter-relação com a dinâmica social mais ampla levam às reflexões de Bourdieu:

Os símbolos são os instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação, eles tornam possível o consensus acerca do sentido do mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é condição da integração moral (BOURDIEU, 2012).

Na pesquisa feita com um grupo focal de mulheres e homens, fazendo uso da palavra **HOMEM** escrita em uma folha a fim de estimular a conversa, uma participante construiu rapidamente a seguinte frase: “*Para mim, homem é Deus! E, aqui na terra, é o meu marido*”³. Encontramos nesta frase a força dos símbolos na vida do indivíduo e do grupo. São dois símbolos que representam duas forças em duas esferas, mas ambos são masculinas.

Esses símbolos influenciam nos comportamentos e nos pensamentos dos indivíduos, como diz a teóloga e feminista Fiorenza: “A humanidade é masculina e o homem define a mulher, não na pessoa dela, mas em relação ao homem” (FIORENZA, 1995). Observando os ensinamentos, na catequese infantil das igrejas e nas famílias, são ensinadas às crianças, uma imagem de Deus, masculino, pai e um homem branco velho com a barba branca sentado num trono entre as nuvens.

Ainda trabalhando com a coleta de dados, dona Joana, diz: “*quando era pequena, pensava que Deus era um homem velho com barba branca, procurando meus erros para me castigar*”. É uma imagem de Deus construída como homem e pai na infância e na adolescência e que acompanha o indivíduo por toda vida. As narrativas acima apresenta-se como oportunos exemplos do que Foucault considera a ordem dos núcleos do poder ao

³ Os nomes das pessoas são fictícios para preservar a identidade delas

dizer: “o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe” (FOUCAULT, 2013).

O corpo e a mente humana passam pela formação religiosa na família, na igreja e na escola e são maquinarias que transformam os seres como dominantes e dominados. Os comportamentos de cada indivíduo e, conseqüentemente, os *ethos* de um grupo são profundamente influenciados por essas maquinarias poderosas e sutis compondo uma sociedade que segundo Berger (1985), é constituída e mantida por seres humanos em ação. O produto dessas ações na sociedade formam a cultura, como se fosse uma segunda natureza, que se sente e interage na sociedade.

O homem é um animal que depende dos mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento, afirma Geertz (1989). O autor continua dizendo que a noção de que a religião ajusta as ações humanas a uma ordem cósmica imaginada e projeta imagens da ordem cósmica no plano da experiência humana. Essa imagem de um deus, homem e pai, afeta profundamente os pensamentos e comportamentos das pessoas numa sociedade, principalmente no Brasil, onde o universo católico é predominante. Exemplo de tal processo de socialização responsável pela maneira de dona Martha afirmar: *“para mim a figura do pai é autoridade, também representa Deus. Pai é segurança e ele é que sustenta a família”*.

Geertz lembra que a noção dos modelos são construídos diariamente na convivência na família e na igreja. A Igreja católica constrói os símbolos que afirmam a superioridade do homem na sociedade. Essa imagem do homem é muitas vezes confirmada pelos indivíduos como deus da terra e deus do céu, dele que vem a segurança (econômica e física), a autoridade etc.

A respeito dos modelos constituídos pelos sistemas religiosos para organizar e disciplinar as práticas e as ações sócias de gênero, busco fontes documentais importantes com o intuito de mapear ao longo de um processo histórico além destas fontes documentais a coleta de depoimento de minhas narradoras oportuniza a atualização do conjunto de tais regras.

Segundo a citação de Saffioti (2013), o Papa Pio XI, em documento (*Casti Connubii*) publicado no dia 31 de Dezembro de 1930, fala sobre a superioridade do homem, segundo o preceito bíblico de que o homem é a cabeça e a mulher, o coração. Sendo a emoção considerada inferior à razão, ao homem cabe, “naturalmente”, o governo da casa e da mulher.

Através dos documentos da igreja católica e da formação religiosa, a dominação masculina vai-se construindo e se afirmando. Segundo a teóloga e feminista Gebara: “As mulheres se apropriam daquilo que praticamente não “produziram” e nem “decidiram”, mas se apropriam em forma de “bem simbólico” no nível da vivência religiosa” (GEBARA, 1991). As mulheres, quase sempre em peso, conforme os lugares, de forma regular participam em todas atividades religiosas organizadas pelas igrejas: festas, cerimônias em ofícios religiosos e outras atividades devocionais e trabalhos. Mas, quando um homem fala no grupo, ele, seu José, conta: “*sabe, um momento que eu tenho muita saudade é quando a gente reunia e levantava o mastro em frente das casas que tinham reza no mês de Junho. Era muita animação. [...] Era um momento de muita felicidade para a criançada e confraternização das famílias*”. Logo, entra dona Rute que lembra: “*quem puxava a reza sempre era o padre ou homem. Naquela época quem puxava a reza, mais eram homens, as mulheres participavam*”.

“Mulher trabalha muito e sofre muita coisa calada”

Após momentos de profundo silêncio, antes de falar sobre quem é a “mulher”, dona Paulina, disse: “*sabe, a mulher trabalha muito e sofre muita coisa calada*”. Essas palavras pareciam retratar a sua própria vida e a sua trajetória. Aqui, percebemos nitidamente a representação da realidade vivida da mulher na sociedade brasileira, a dupla jornada do trabalho. Trabalhar fora de casa ganhando pouco, cuidar da casa, do marido e dos filhos e ainda não ser reconhecida. E, logo em seguida, dona Madalena diz: “*a vida da mulher era muito sofrida, tinha que fazer tudo, lavar roupa da família inteira, cozinhar, lavar louça e limpar a casa, ainda tinha que trabalhar na roça e sem liberdade para nada*”. São relatos que evidenciam ainda mais o peso desta responsabilidade sobre as mulheres.

As mulheres sentem o peso do trabalho, mas interiorizam de tal forma que aceitam esta imposição, como se fosse parte da sua própria natureza que Bourdieu (2011), define como *habitus*⁴. “O *habitus* completa o movimento de interiorização de estruturas exteriores, ao passo que as práticas dos agentes exteriorizam os sistemas de disposições incorporadas”.

As narrativas acima citadas, demonstram a situação vivida por grande parte das mulheres no Brasil e em especial no Parque São Rafael onde realizo a pesquisa. No mundo de trabalho, as mulheres sofrem caladas. O peso da dupla jornada é incorporado como uma

⁴ Quando diz a respeito de *habitus*, ler Bourdieu (2011)

realidade normal. É a força do *habitus* se configurando no cotidiano das pessoas que a teóloga e socióloga Cruz vai definir como: “falar em relações de gênero é falar em relações de poder. Independentemente de sua boa ou má vontade pessoal, os homens encontram-se em situação social privilegiada e as mulheres são frequentemente discriminadas” (CRUZ,2013).

Sobre a árdua problemática das mulheres Saffioti (2013) lembra que a Igreja Católica demora para se manifestar contra a exploração das mulheres como a mão de obra barata nas indústrias. O Papa João XXIII, em 6 de Setembro de 1961, falando num congresso de estudo sobre a mulher e a vida social, chama a atenção do mundo sobre a remuneração do trabalho feminino: “A operária tem direito ao mesmo salário que o operário”.

Segundo as narrativas trabalhadas neste texto, na década de 40, a presença feminina estava ligada com a casa ou o lar, onde ficavam as crianças e os trabalhos domésticos, o espaço privado. Enquanto que a presença masculina se relaciona com os espaços públicos como as praças, os clubes, os bares e os mercados etc., onde a vida social acontece. Apesar disso, Bourdieu chama de ordem social como máquina simbólica:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos, é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservado aos homens, e a casa, reservada às mulheres (BOURDIEU, 2012).

Quando examinamos a fala de seu José, a afirmação do Bourdieu referida à formação do núcleo de ser homem construção dos papéis sociais fica ainda mais evidente: Diz seu José; *“eu lembro: ... minha mãe costurava as roupas da família toda. Naquela época quase todas as mulheres sabiam costurar. A mulher era preparada para casar e ter filhos, cuidar da família, sabe!”*. Já dona Tereza também afirma essa realidade, dizendo: *“as mulheres tinham que aprender a cozinhar, costurar e cuidar da casa e do marido”*. Já nos espaços públicos a passagem da mulher era invisível.

A mulher era invisível nos espaços públicos. Muitos documentos da Igreja católica reforçam este pensamento que a mulher só pode ser feliz e realizada e, ainda, agradar a Deus, sendo uma boa esposa, obediente ao marido e sendo mãe. A socióloga Saffioti (2013) faz uma análise das encíclicas de alguns Papas e vemos que os documentos oficiais da Igreja, as encíclicas dos Papas: Leão XIII, Papa Pio XI e Papa Pio XII, o lugar da mulher é definido como na casa, tendo como função a procriação e a subordinação ao homem. Tudo indica que a única vocação da mulher era casar-se e ter filhos. A história

mostra que com a idade de 17 a 18 anos, se a menina não arrumasse um namorado, os pais já se preocupavam e sempre recomendavam para encontrar um rapaz e trabalhador.

A mulher sem marido era discriminada na sociedade. O espaço da mulher era definido a partir do homem, da figura do pai, marido e filho. A construção da identidade da mulher era feita a partir de uma relação à figura masculina. Bourdieu, ajuda compreender este jogo complexo: “As mulheres são excluídas de todos os lugares públicos, em que se realizam os jogos comumente considerados os mais sérios da existência humana, que são os jogos da honra” (BOURDIEU,2012).

A mulher é excluída desses espaços públicos do barulho, da diversão, da competição, do reconhecimento, do econômico e da honra. Elas são confinadas com as crianças no silêncio da casa, no espaço doméstico, privado e controlado. Neste espaço da disciplina, do ordenamento, do trabalho sem remuneração e sem honras, as mulheres, muitas vezes, interiorizam e reproduzem o pensamento da inferioridade.

“Ninguém vai respeitar! A mulher não tem autoridade”.

Ao ouvir a pergunta do pesquisador sobre a possibilidade da mulher ser padre na Igreja católica, dona Izabel reagiu espontaneamente e rápida: “*a mulher não tem condição não, ninguém vai respeitar, a mulher não tem autoridade*”. Vejamos que a ideia de autoridade é um conceito do poder o que o teórico Bittar vai definir como: “o poder está aí, como fenômeno, mesmo contra as vontades humanas, boas ou más; ele é, por isso mais um fator condicionante da existência e, por isso, não pode ser ignorado (BITTAR, 2011).

As instituições masculinas, quase todas existentes na sociedade, exercem o seu poder para constituir e manter as mulheres como objetos simbólicos. Segundo Bourdieu(2012), esse poder exercido pela dominação masculina coloca as mulheres em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica. A partir da interiorização dos modelos do poder e autoridade das mulheres, sempre se identifica com a figura masculina. A reflexão da Fiorenza pode esclarecer melhor esta lógica:

As mulheres, por haverem apreendido a se sentir inferiores e a se auto-desprezar, não respeitam outras mulheres e até odeiam. Assim que as mulheres manifestam os traços típicos da personalidade dos povos oprimidos, que interiorizaram as imagens e noções do opressor (FIORENZA,1995).

Ainda sobre a possibilidade da mulher ser padre, dona Lídia diz: “*eu também acho. A mulher não tem condições para ser padre*”. E dona Madalena confirma: “*a mulher é muito fofoqueira, não vai dar certo não. A mulher tem que cuidar do marido, dos filhos e não vai*

dar certo mesmo". Vejamos nestas falas, a evidência da força do poder simbólico e como se reproduz o sentimento de inferioridade no cotidiano das pessoas contagiando os seus pensamentos e comportamentos.

Segundo Foucault (2013), os corpos disciplinados e controlados também são uma forma de exercer o poder de dominação, esses mecanismos de controle dos corpos são exercidos pelas instituições como; a escola, as igrejas e a prisão etc.

Nas narrativas a seguir, será recordado o controle do corpo da mulher exercido pela igreja católica. Maria de Nazaré ao descrever a vida na igreja entre homens e mulheres, lembra: *"em algumas igrejas os homens ficavam num lado e as mulheres no outro lado. Para receber a comunhão, tinham que se ajoelhar e estar em jejum. Não podiam beber a água antes de receber a comunhão"*.

Sentindo-se contemplada na conversa, dona Mirian acrescenta: *"eu lembro que muitas mulheres usavam véu na cabeça para ir à igreja, principalmente à missa. Todas as mulheres usavam saias longas e não podiam pensar de se vestir com uma roupa decotada ou outra qualquer roupa"*.

Logo mais, entra um homem. É seu João, que toma a palavra e completa: *"eu lembro de um padre que trabalhava na igreja que eu frequentava, não sei de onde ele era, se era alemão ou italiano. Ele xingava todo mundo. As mulheres tremiam de medo dele. Se alguma mulher usasse uma roupa que o padre não gostasse, ele mandava ir embora da igreja, nem deixava de entrar na igreja."*

Essas lembranças marcadas na memória dessas pessoas ajudam o pesquisador a entender no contexto brasileiro proposto por Foucault, quando chama atenção ao controle e a disciplina dos corpos nos espaços. É uma forma de controlar e disciplinar os corpos dessa classe, delimitada num espaço demarcado com traços definidos com véus e roupas longas etc. Os detentores do poder religioso, neste caso, na Igreja católica, castigavam estes corpos quando transgrediam as normas dos comportamentos prescritos pela instituição, castigos severos como exclusão do espaço sagrado e as expõem à vergonha pública. Manter-se em jejum, dobrar os joelhos ao receber a comunhão. Usar as roupas longas e cobrir com véu a cabeça são gestos que demonstram a obediência, abnegação, renúncia dos prazeres e desprezo ao próprio corpo.

Foucault, diz:

...o corpo só se torna força útil se é ao mesmo tempo corpo produtivo e corpo submisso. [...] Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta

desigual: de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos (FOUCAULT,2013).

Cada instituição usa suas normas disciplinares, doutrinas e dogmas para controlar e domesticar os corpos no espaço privado e no espaço público. Na Igreja católica, a orientação dada aos fiéis aparecem como a negação dos prazeres terrenos para alcançar os prazeres celestiais, como a tarefa de introduzir as práticas devocionais e sacrificiais aos filhos e ensinar as orações etc. era designada às mulheres e principalmente às mães. Num livro de orações conhecido como “Manual de Nossa Senhora Aparecida”, publicada no ano 1954, trazida com muito respeito e cuidado pela dona Mônica, encontra uma forma que a Igreja católica usava para disciplinar os corpos. Ela com muita satisfação diz que reza as orações contidas neste livro na língua Latina, num lado, e a tradução na língua portuguesa no outro lado, “*eu rezo a oração da esposa e mãe crista, todos os dias, dizem que ganho indulgências. Eu aprendi da minha avó que me criou*”.

Através da oração da esposa e mãe cristã, a igreja promove uma imagem da mulher ideal, projetada na Maria, esposa do José e mãe de Jesus. Alguns trechos desta oração diz:

“Ó Maria, Virgem puríssima e sem mácula, casta Esposa de S. José, Mãe terníssima de Jesus, modelo acabado das esposas e mães [...], me prostro aos vossos pés e imploro [...] São Paulo recomenda às mulheres cristãs, e que fazem a felicidade e o ornamento das famílias. Ensinai-me honrar o meu esposo, como vós honrastes a S. José, e como a Igreja honra a Jesus Cristo. [...] Protegei meu marido, encaminhai-o, pois, desejo tanto a sua felicidade como a minha...” (Manual de Nossa Senhora Aparecida, 1954).

Essa oração incentivada pela igreja ajudava a formar uma identidade, interiorizando o seu espaço e a sua função no interior da sociedade e da igreja católica, negando a autoridade e poder na figura feminina, mas a sua existência tinha sentido apenas em relação ao homem esposo e a instituição igreja representada também pelo poder masculino, transformando a mulher como uma peça do prazer e da beleza e uma poderosa instrumento da reprodução da superioridade e da autoridade masculina. Através dos mecanismos poderosos como este, a Igreja católica foi construindo uma imagem do protótipo da mulher no seu interior, as mulheres se consideravam esta imagem construída pelo poder masculino da Igreja católica fosse algo natural.

A reflexão do Wanderley (2007) é relevante quando ele ressalta que a opressão e a pobreza são resultantes de um processo conflituoso, foram produzidos e não são resultado de um fato natural. São *em-pobrecidos* pelo sistema de exploração e dominação. Qualquer tipo da manifestação do comportamento contrário daqueles que foram legitimadas pela

Igreja Católica e foram interiorizadas pelas mulheres, eram condenadas como profanas e reprovadas severamente por elas mesmas.

Considerações finais

As reflexões aqui apresentadas chamam a atenção para a construção do poder simbólico que foi constituído na sociedade brasileira pela cultura predominante católica. Desde o início da colonização, a Igreja e o Estado têm implementado um modelo ocidental no Brasil condenando as expressões culturais africanas e indígenas, assim uma construção forte de uma sociedade e a Igreja patriarcal. Bourdieu, afirma que: “o poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo” (BOURDIEU, 2011). Essa construção do mundo simbólico a partir da religião no Brasil levou séculos e as mudanças a desconstrução e construção dos novos modelos simbólicos do poder apareceram lentamente acompanhando as lutas das mulheres pelo seu protagonismo e visibilidade no mundo público.

Num mundo pós-guerra, industrializado e tomado pela força do capitalismo, a Igreja também se prepara para uma mudança a partir do Concílio Vaticano II (1962 - 65), convocado pelo Papa João XXIII. Com o advento do Vaticano II, as mulheres ganham um pouco mais de visibilidade na Igreja. Aqui no Brasil, a Igreja também se renova com engajamento dos muitos membros nas lutas sociais, uma explosão dos movimentos sociais promovidos pelas alas progressistas da Igreja católica abre novos espaços para as mulheres na sociedade e na Igreja. Segundo o sociólogo Wanderley: “com o conceito do povo de Deus que influenciou a Igreja em nos anos 50, surge uma espécie de populismo eclesiástico, [...], projeto pastoral da hierarquia e atuação do laicato no mundo em nome da Igreja” (WANDERLEY, 2007). O autor continua nos alertando que, nunca é demais lembrar que, tanto nas comunidades quanto nos movimentos de bairros, a presença da mulher tem sido prioritária e constante.

Essas mudanças também aparecem na memória de dona Rute, como se fosse um fio de luz que se ilumine o horizonte. lembrou ela: “*a mulher pode sim (consagrar-se como padre), se ela for bem preparada. Vocês não gostam da celebração da Palavra que a Aparecida⁵ faz? Ela explica muito bem e ela é uma mulher muito inspirada*”. Dona Lídia também reconheceu dizendo; “*tive vezes que eu evitei de receber comunhão das mãos da ministra mulher, fui receber a comunhão muitas vezes do padre ou do ministro homem, mas*

⁵ Uma mulher que faz a explicação do Evangelho na ausência do padre nas celebrações dominicais.

depois eu pedi perdão a Deus, hoje, não faço mais isso não". São depoimentos que trazem uma certa esperança e o resultado de um processo de desconstrução e reconstrução do poder simbólico que foram interiorizadas pelas mulheres e pelos homens. Aqui a observação de Cruz é importante: "acredito que a Igreja católica tem condições objetivas e subjetivas para empoderar as mulheres" (CRUZ,2013).

Essa ideia de empoderar as mulheres, quer dizer desconstruir os velhos e atuais sistemas simbólicos que atuam nas instituições como família, Igreja e outras, sobre o pensamento humano que discrimina e inferioriza as mulheres e, construir novos mecanismos que possam fortalecer com pensamentos e comportamentos libertadores que geram dignidade e espaço comum a todos os indivíduos.

Os resíduos deste sistema que discrimina e inferioriza as mulheres estão presentes na maioria das estruturas sociais e na memória das pessoas na sociedade. Enquanto, o pensamento da superioridade masculina está enraizado nas estruturas sociais e são interiorizados pelos indivíduos, ainda precisaremos conviver com a estranheza de uma mulher sozinha num lugar público sem a companhia de um homem, ainda teremos mulheres que continuam dizendo; "não sou feliz, mas tenho marido"⁶ ou continuaremos a ouvir mãe dizer a filha; ""*você não pode garota, Deus não vai gostar, você não é garoto*".

Bibliografia

⁶ Crônica da antropóloga Mirian Goldenberg na Folha de São Paulo no dia 27 de Setembro de 2014. Caderno 7.

- BERGER, Peter L. *O Dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulinas, 1985
- BERNARDO, Terezinha. *Memória em branco e negro: Olhares sobre São Paulo*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- BITTAR, Eduardo C. B. *Curso de filosofia política – 4ª Edição*. São Paulo: Atlas. S.A., 2011.
- BOFF, Leonardo, RIBEIRO, Lucia. *Masculino Feminino*. Rio de Janeiro: Record, 2007.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembranças de velhos*. São Paulo. Editora Schwarcz.S.A. 2012.
- BRANDÃO, Rodrigues Carlos. *Ser católico: dimensões brasileiras um estudo sobre a atribuição através da religião. Brasil & EUA: Religião e identidade nacional* (pp. 27 – 58). Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1985.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva. 2011.
- _____. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- CRUZ, Maria Isabel Da. *A Mulher na Igreja e na Política*. São Paulo: Outras expressões, 2013.
- DINIZ, Debora. *Três gerações de mulheres. Nova história das mulheres no Brasil*. pp. 313 – 332. São Paulo: Ed. Contexto, 2012.
- FIORENZA, Elisabeth Schussier. *Discipulado de Iguais*. São Paulo: Vozes, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes, 2013.
- GEBARA, Ivone. *Rompendo o Silêncio*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *O poder e não – poder das mulheres*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Centauro, 2003.
- HALL, Stuart. *Quem precisa da identidade? Identidade e diferença*, pp.103 – 133. Petrópolis: Vozes, 2014.
- LOURO, Guarcira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MONTERO, Paula. *Religiões e dilemas da sociedade brasileira. O que ler na ciência social brasileira (1970 – 1995) Antropologia (Vo.1)*, p. 327 – 367. São Paulo: Ed. Sumaré, 1999.

NEUENFELDT, Elaine. *Gênero religião e transformação social :Religião e Transformação Social no Brasil hoje*.p.47 -68. SOTER: São Paulo, Paulinas, 2007

NOGUEIRA, Claudia Mazzei. *A feminização no mundo do trabalho*. Campinas: Autores Associados S.A. 2004.

ROSADO NUNES, Maria José F. *Religiões. Dicionário Crítico do Feminismo*, pp. 213 – 217. São Paulo: Ed. Unesp, 2009.

PAPA, João Paulo II. Carta do Papa João Paulo II às mulheres. São Paulo: Paulinas, 1995

PAPA, Joao Paulo II. *Código de Direito Canônico*. São Paulo: Loyola, 2001.

PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza – tipos e processos*. São Paulo: Paulinas,2006.

PINSKY, Carla Bassanezi, PEDRO, Joana Maria (Organizadores). *Nova história das Mulheres no Brasil*.São Paulo: Contexto, 2012.

POLLAK, Michel. *Memória e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Estudos Históricos,1992.

REIMER, Ivoni Richter. *Vida de Mulheres na sociedade e na Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1995.

SANTOS, Myrian Sepúlveda Dos. *Memória coletiva e Teoria social*. São Paulo: Ed. Annablume, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes – mitos e realidade*. Expressão Popular: São Paulo,2013.

SCHUSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Discipulado de Iguais*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.

SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e Resistência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. *Democracia e Igreja popular*. São Paulo: Educ, 2007.

Jornal

GOLDENBERG, Mirian. Não sou feliz, mas tenho marido. *Folha de São Paulo*, 23 de Setembro de 2014, Caderno 7, p.1

Documento Antigo.

Manual de Nossa Senhora Aparecida. Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida, 1954